

FONSECA, António José Branquinho da

Laceiras [Mortágua], 1905 – Cascais, 1974

Nascido nas Laceiras (Mortágua), António José, filho do republicano Tomás da Fonseca, licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra.

Em 1924 fundou a revista *Tríplico* e, em 1927, lança, em conjunto com José Régio e João Gaspar Simões, a *presença – folha de arte e crítica*.

Começa a trabalhar em Coimbra e, pouco tempo depois, foi colocado como Conservador do Registo Civil em Marvão (1935-36) e na Nazaré (1937-1940), fixando, posteriormente, residência em Cascais.

Nesta localidade, concorre ao lugar de Conservador do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, cargo que ocupa entre 1942 e 1959 (Fig. 1). A 1 de janeiro de 1942, correspondendo à exoneração de João Couto (1892-1968) – a pedido deste – como vogal Cultural da Comissão Administrativa do Museu¹, Branquinho da Fonseca assume o cargo de conservador contratado. Da sua carreira consta ainda a organização e direção da Biblioteca Municipal da Nazaré, inau-

gurada em 1939 e que até hoje se encontra em pleno funcionamento.

O verdadeiro “apóstolo da leitura e da divulgação cultural” (Quadros, 1984, p. 40), apresenta um currículo que, aliado à sua maneira de estar no mundo, com “(...) dois olhos profundos e inquietos que parecem ver para além das coisas em busca de mundos ignorados (...)” (Vaz, 1963, p. 36), lhe permitiu, em Cascais, dar um contributo inestimável ao museu e, sobretudo, à biblioteca, que se pretendia “não um arquivo dos séculos, mas uma biblioteca viva, um órgão de verdadeira cultura; decerto com o alicerce nas ideias passadas, mas voltada para os dias de hoje e de amanhã” (Fonseca, 1942/1997, 12),



FIG. 1 Branquinho da Fonseca – em frente ao Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães – Cascais, 1942.
© AHMC

¹ O Museu foi inaugurado em 1931. A administração do mesmo foi confiada, por determinação testamentária, a uma Comissão Administrativa composta por três representantes de entidades oficiais: Câmara Municipal de Cascais – na pessoa do seu Presidente –, Repartição de Finanças do Concelho e a Academia Nacional de Belas Artes de Lisboa – assim nomeada a partir do Decreto n.º 20977 de 1932, substituindo o Conselho de Arte e Arqueologia – 1.ª Circunscrição –. Os primeiros elementos foram, respetivamente, Amílcar Mário de Jesus, António Crisóstomo dos Santos e José de Figueiredo. Em 1950, o museu era uma fundação à qual faltava a personalidade jurídica, a Comissão Administrativa passou a designar-se Comissão Consultiva e a Câmara Municipal passa a ser a gestora patrimonial.

transformando-a “na maior obra cultural da linha de Cascais” (Vaz, 1963, 36).

No labor quotidiano, Branquinho da Fonseca espelha o seu pensamento acerca do que deve ser uma instituição cultural: “(...) Não é uma biblioteca erudita que convém aqui, mas uma biblioteca de cultura, no sentido mais amplo desta palavra, essa cultura do homem civilizado (...) que é o firmar os pés na terra velha de onde vem, para tomar contacto com o espírito da sua época. Não compreendemos que se dê mais atenção aos séculos passados do que ao nosso tempo (...) é perigoso olhar mais para donde se veio do que para onde se vai” (Fonseca, 1942/1997, 12-13).

O pioneirismo deste apaixonado pela causa pública revela-se pois no olhar sempre mais longe, materializado na renovação e atualização bibliográfica, elaborada com base, não na ótica do responsável pela biblioteca, mas na perspectiva do leitor, pois “os livros não são para quem a dirige, são para quem lá vai” (Fonseca, 1951, 8). Logo no início do cargo, adquire 450 obras para ir ao encontro dos potenciais beneficiários. Além disso: “(...) 24 horas depois de um leitor requisitar uma obra que não existe na biblioteca, a direcção manda-a adquirir e entrega-a ao interessado. Nada de livros colocados nas estantes como cadáveres debaixo de lousas. O livro circula ...” (Vaz, 1963, 37).

Insiste continuamente “na necessidade de aproximar a biblioteca sobretudo dos jovens, para uma formação de adultos integrados na cultura” (Beaumontm 1971, 30), encetando, a partir de abril de 1942, uma aproximação desta à comunidade, quer através do incentivo ao empréstimo domiciliário, visto que “obrigar os leitores às horas em que a biblioteca está aberta parecia um favor aos ociosos” (Fonseca, 1952, 6), quer através do conceito de Biblioteca Itinerante.

A 26 de julho de 1953, já circulava aos domingos, pelas povoações mais longínquas do concelho, uma das primeiras bibliotecas-circulantes

do país (Fig. 2). Os obstáculos foram muitos, a começar pela própria viatura inicialmente utilizada, e a continuar nos caminhos a percorrer.

O veículo, de empurrão em empurrão, lá se deslocava até às associações, escolas e zonas centrais das povoações para levar “uma carrada de alegria e sabedoria” (Sá, 1983, 64), através



FIG.2 A primeira Biblioteca Móvel do MBCCG estacionada numa povoação do interior do concelho – década de 50. © AHMC

da acessibilidade do livro a todos, promovendo e desenvolvendo o prazer pela leitura através do livre acesso às estantes e empréstimo domiciliário. Pessoas de todas as idades escolhiam autónoma e gratuitamente os livros, com total liberdade.

A preservação patrimonial local continua igualmente a ser uma prioridade, tendo-se inaugurado uma nova sala: a Sala da Arqueologia Padre Eugénio Jalhay e Cap. Afonso do Paço, com a ajuda da Junta de Turismo de Cascais. O espólio estava em depósito no Museu Arqueológico do Carmo e, mantendo o princípio de proteção, interpretação, valorização e divulgação do património concelhio a toda a comunidade, era necessário trazê-lo para o concelho de origem. No Museu-Biblioteca foram expostas as peças mais representativas de natureza arqueológica encontradas no concelho.

A preocupação com o incentivo à investigação e divulgação da história local respeitante ao concelho pode observar-se, igualmente, no prosseguimento das publicações do próprio museu, que haviam sido começadas em 1940 e que continuam, em 1943, com a edição da obra *Murtal, aldeia das Murtas*, escrita por Ernesto Belo Redondo, juntamente com o *Foral da vila de Cascais e o seu termo*.

Edita-se também, em 1943, com o intuito de divulgar temas de História Local e História da Arte, o primeiro *Boletim do Museu-Biblioteca*, ao qual pretende dar uma certa periodicidade, por ser um “repositório de assuntos relativos à história do concelho de Cascais e, além disso, uma breve informação dos serviços do Museu” (Fonseca, 1943), projeto este que não teve continuidade devido à recorrente escassez de recursos e de interessados em colaborar.

A dedicação ao museu fez com que a atualização do acervo fosse uma das suas prioridades, ampliando a coleção, ao adquirir algumas peças significativas, “tudo discretamente arrumado, sem aquele peso que aperta o coração nos museus-museus, mas antes uma ilustração desprezível da arte ao serviço da vida...” (Vaz, 1963, 36). Além disso, realiza uma série de concertos de Música de Câmara, aos domingos e de 15 em 15 dias, para os quais pede a ajuda mecénica da Junta de Turismo, tendo em conta “o interesse com que esta ideia tem sido recebida pelas pessoas que residem ou que frequentam esta região” (Fonseca, 1945).

Dez anos mais tarde, em 1953, Branquinho da Fonseca elabora e publica o primeiro guia-roteiro em três línguas: português, francês e inglês, que pretende dar uma ampla divulgação do museu.

A partir de 1958, por convite de Azeredo Perdigão, desenvolveu o Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo sido o seu primeiro diretor, cargo que conservou até à sua morte.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, M. M. 2016. *Os primeiros cinquenta anos do Museu – Biblioteca Condes de Castro Guimarães: Pioneirismo Mediado pela Ação Cultural e Educativa*. Lisboa/Paris: Nota de Rodapé Edições
- BEAUMONT, M. A. 1971. “Pequena História do Museu de Cascais”. *Museu Biblioteca do Conde de Castro de Guimarães, Boletim* n.º 2, Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 17-36.
- FONSECA, B. da. 1942/1997. *Relatório do Conservador do Museu – Biblioteca do Conde de Castro Guimarães*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- FONSECA, B. da. 1952, 11 outubro. *Museu – Biblioteca Conde de Castro Guimarães. A Nossa Terra*, n.º 33, Ano 3, 2.ª série, 6-8.
- FONSECA, B. da. 1943. *Carta a Fausto de Figueiredo*, Texto dactilografado, não publicado, AHMC, A1 RA/002 1930-47 Cx1, 19-4.
- FONSECA, B. da. 1945c. *Carta ao Vice-Presidente da Câmara Municipal de Cascais*, Texto dactilografado publicado, AHMC/ AADL/CMC/R/A/002 – Cx1 – 16-11.
- O Museu – Biblioteca Conde de Castro Guimarães – Ligeira palestra com o seu conservador Dr. Branquinho da Fonseca. *A Nossa Terra*, 11 agosto de 1951, n.º 17, Ano 2, 2.ª série, 1-8.
- QUADROS, A. 1984. “Os Tempos Heróicos – um testemunho”. Vinte e Cinco Anos aos Serviço da Cultura, *Boletim Cultural da Fundação Calouste Gulbenkian*, série VI, n.º 02, junho, 45.
- SÁ, V. de. 1983. *As bibliotecas, o Público e a Cultura. Um inquérito necessário*. Lisboa: Livros Horizonte
- VAZ, C. 1963. “Uma obra admirável – o Museu – Biblioteca de Cascais”. *Regresso ao velho Mundo – crónicas*: Coleção Testemunho, AGA – Agência de Publicidade Lda, 34-38.

[M.M.A.]

MARIA MOTA ALMEIDA Equiparada a Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais e Humanas, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ESHTE). Tem trabalhos publicados na área da Museologia, Património e Turismo cultural. Na área do turismo literário tem desenvolvido uma investigação, tendo por base a obra de António José Branquinho da Fonseca juntamente com Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira, neto do autor. É Mestre em Museologia com a dissertação *A Realidade Museológica no Concelho de Sintra: contributo para o seu estudo* (2006) pela ULHT e Doutora em Museologia com a tese *Um Museu – Biblioteca em Cascais: pioneirismo mediado pela ação cultural e educativa* (2013). É investigadora integrada do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa